



Texto 1

O rastro nos ossos (*El rastro em los huesos*)

Leila Guerriero

Não é grande. Quatro por quatro apenas, e uma janela através da qual entra uma luz grumosa, celestial. O teto é alto. As paredes brancas, sem muito esmero. O local – um antigo apartamento em pleno Once, um bairro popular e comercial da cidade de Buenos Aires – é discreto: ninguém vem aqui por engano. O piso de madeira está coberto por jornais, e, nos jornais, há uma camisola listrada, um sapato torto como uma língua negra – rígida –, algumas meias. Tudo o resto é ossos. Tíbias e fêmures, vértebras e crânios, pelve, mandíbulas, dentes, costelas em pedaços. São quatro da tarde de uma quinta-feira de novembro. Patricia Bernardi está de pé no vão da porta. Ela tem olhos grandes, cabelos curtos. Pega um fêmur e o apoia em sua coxa.

– Os ossos de mulher são graciosos.

E é verdade: os ossos de uma mulher são graciosos.

Entre 1976 e dezembro de 1983, a ditadura militar na Argentina sequestrou e executou milhares de pessoas que foram enterradas como anônimos em cemitérios e sepulturas clandestinas. Em maio de 1984, já na democracia, convocada pelas avós da Plaza de Mayo (um grupo de mulheres à procura de seus netos, filhos de seus filhos desaparecidos durante a Ditadura), sete membros da Associação Americana para o Avanço da Ciência chegaram ao país. Entre eles, um antropólogo forense – um especialista na identificação de restos ósseos: alguém que pode neles os traços da vida e da morte – chamado Clyde Neve. Nascido em 1928 no Texas, a Neve teve seu prestígio: identificou os restos de Josef Mengele no Brasil [...]

Texto 2

O gigante que queria ser grande (*El gigante que queria ser grande*)

Leila Guerriero

Não.

Esta não é uma terra extraordinária. A província de Formosa, no nordeste da Argentina, é um planalto sem elevações com uma vegetação que flutua entre o verde discreto das zonas úmidas e campos azedos de seca. Não há lagos nem montanhas nem cachoeiras nem animais fabulosos. Apenas o calor dos trópicos misturado com a poeira em uma das regiões mais pobres do país. E ainda ali, nas margens de um rio chamado Bermejo, um povoado de nome El Colorado – onde dezessete mil pessoas vivem do trabalho na administração pública e da colheita de algodão – há, entre todas as criaturas, uma criatura extraordinária: o Colorado é a terra do gigante.

São duas horas da tarde de um dia de novembro. As ruas da cidade ardem em quarenta e três graus de calor e no hotel Jorgito uma jovem mulher, de andar cansado, diz:

– Venha. Vou te mostrar seu quarto.

Os quartos são assim: cama, ventilador, mesa, banheiro. Quando a mulher se afasta, toca o telefone e uma voz profunda – a excrecência do eco de uma catedral ou numa abóboda – diz:

– “Finalmente”. Agora você está no meu território.



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



De sua casa, a cinco quarteirões do melhor hotel da cidade, Jorge González, o Gigante, ri.

Um resumo diria o seguinte: que Jorge González nasceu em 31 de janeiro de 1966 em El Colorado, a mil e duzentos quilômetros de Buenos Aires, filho de Mercedes e Felipe, dona de casa ela, funcionária da construção ele, e que viveu com essa família Compartilhando o pouco que ele poderia compartilhar: um quarto com seus irmãos (Plácida, Zunilda, Ricardo, Omar) e apenas a comida. Diria, também, que depois de se iniciar aos nove anos no trabalho dos brutos – colheita de algodão –, aos dezesseis lhe propuseram integrar uma equipe de basquete num clube da vizinha província de Chaco e ele disse sim. Que jogou na Seleção Argentina, foi escolhido no draft da NBA, se tornou estrela de luta livre, viajou por trinta países, participou da série *Baywatch*, teve mulheres, teve motorista, teve dinheiro e agora vivia na cidade que o viu nascer sem poder caminhar, pobre, sozinho e diabético. E diria, também, que tudo isso aconteceu com Jorge González por ser uma criatura extraordinária de dois metros trinta e um centímetros de altura – um gigante – e aquele a essa altura – deve toda a sorte dele. Deve toda sua desgraça.

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO (CJE)

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Prédio 2
Cidade Universitária. 05508-020. São Paulo. SP. Brasil
Fone: +55 11 3091-4117/4112
www3.eca.usp.br/cje | email: cje@usp.br